

# A VERDADE

ORGAM CATHOLICO

Com autorisação do Exmo. Sr. Bispo Diocesano

REDACTORES: P. P. MANFREDO LEITE E FRANCISCO TOPP

VERITAS LIBERABIT VOS (S. João 8, 32.)

CHARITAS CONGAUDET VERITATI (1. Cor. 13, 6.)

## EXPEDIENTE

### CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

CAPITAL		EXTERIOR	
Por um anno . . .	5\$000	Por um anno . . .	5\$500
Por 6 mezes . . .	3\$000	Por 6 mezes . . .	3\$500
Publicação semanal		Pagamento adiantado	

## CALENDARIO

- 19 DE JUNHO—4º domingo depois de Pentecoste.—Ss. Gervasio e Protasio, irmãos e martyres em Milão, 90. S. Bruno, apostolo dos Russos e martyr, 1009. S. Juliana de Falconieri, abbadessa em Florença, 1341. S. Miquelina, viuva.
- 20 Segunda-feira—S. Silverio, papa e martyr, 538.
- 21 Terça-feira—S. Luiz Gonzaga, jesuita, 1591. Santa Demetria, virgem e martyr, 250.
- 22 Quarta-feira—S. Paulino, bispo de Nola, 431.
- 23 Quinta-feira—Santa Agrippina, virgem e martyr em Roma, 202. Santa Edeltrudes, rainha da Bretanha, 679.
- 24 Sexta-feira—Nascimento de S. João Baptista.
- 25 Sabbado—S. Guilherme, abbas na Italia, 1142. Santa Febronia, virgem e martyr, na Syria, 301. S. Antidio bispo de Besançon, 411. S. Eloy, bispo.

## A VERDADE

Principiando com o mez de Julho a. c., *A Verdade* será publicada em um formato duas vezes maior do que o actual, mas, apesar disto, não augmentaremos o preço da assignatura.

E' natural que na sua nova, mais ampla edição, poderá este modesto semanario fornecer uma leitura mais variada, trazer noticias mais exactas sobre o que ocorre na nossa patria e no estrangeiro e publicar com regularidade um folhetim interessante.

Defendemos a causa da religião catholica: este é o nosso fim principal; mas occupar-nos-hemos tambem com assumptos administrativos, escolares, commerciaes, scientificos e sociaes. Além disto daremos informações sobre o cambio, sobre os preços do mercado, sobre os despachos officiaes das secretarias do governo, emfim sobre tudo aquillo o que pôde ser de real interesse para qualquer habitante do nosso Estado.

Para occorrer ás despezas naturalmente maiores com uma folha de maior tamanho, publicaremos na quarta pagina annuncios. Confiamos tambem, que este esforço, cujo unico fim é desenvolver a boa imprensa, excitará um éco favoravel e redobrá as sympathias de que até hoje gozou *A Verdade*.

## Propaganda norte-americana

(Continuação)

Podia parecer que, arvorando-se em apóstolos de um christianismo ideal e perfeito, os emissarios americanos deviam com muito cuidado evitar qualquer compromisso ou alliança com tudo o que é abertamente inimigo do nome christão. Mas realmente não é assim. O sectarismo, aliás intolerante e odioso, faz, quantas vezes lhe convier, umas condescendencias que já quasi se identificam com a renuncia aos principios e á dignidade christã, tão altamente por elle apregoados.

Eis um facto frisante que, faz um anno, teve lugar em Corytiba.

Existem na Capital do Paraná alguns circulos de intellectuaes, tão abertamente e de fundo atheus, que já não procuram, nem com o mais leve véu, encobrir as suas opiniões a respeito. Aconteceu de ser levantada a questão, se conviria aos membros da igreja baptista (é a seita que lá faz a sua propaganda), tomar parte official nas festas d'aquelles circulos e se era permittido afillar-se aos mesmos, apesar de toda a desfaçatez com que se declaravam atheus. O venerando pastor americano, sem titubear um momento sequer, deidiu que, por razões de caridade christã, de tolerancia etc. etc., podiam os christãos baptistas unir e filhar-se áquelles circulos.

Contra tal decisão levantou um protesto violento o sr. Cornelsen, uma das principaes glorias e columnas da seita baptista, originando-se então grande seião no seio da igreja. O sr. Cornelsen foi grosseiramente atacado por Dario Velloso, Ismael Martins e outros da mesma grey atheista, que chamam a Christo um philosopho oriental e para quem o christianismo é apenas uma bella lenda. Soffreu até aquelle senhor o grave desacato de ser chamado papista protestante, uma alcunha que em commum recebem todos os protestantes, quantas vezes pretendem seriamente manter-se na profissão da fé christã. Não é isto muito significativo?

O pastor baptista viu-se em grandes apuros, porque de seu lado eram todos os que se chamavam baptistas, mas não eram christãos e um pequeno grupo de simplorios para quem era intangivel a auctoridade do propagandista americano. Do lado do sr. Cornelsen eram todos os christãos serios, mais ou menos intelligentes.

Além d'isto não convinha de modo al-

gum tornar publica a razão principal d'uma tão extravagante condescendencia. O pastor yankee quiz ganhar as sympathias d'aquelles circulos, para assim chegar a braza á sua sardinha, isto é, ter um alliado mais em favor da seita: caste o que custar!

Não sabemos se uma ou outra parte ce-deu, ou se, mediante concessões reciprocas, foi remendada a unidade da igreja baptista, ou se até hoje continúa a seião. Citamos o facto, aliás publico e notorio, porque n'elle se evidencia, quanto valha para os emissarios norte-americanos a pureza e altivez dos sentimentos religiosos e como, em prol da propaganda sectaria, sacrificuem sem escrupulo o pundonor dos christãos crentes. E elles vieram aqui, como pregam á torto e á direito, para nos ensinar um christianismo puro e digno, a nós que, como affirmam, somos decahidos em trevas e indignidades.

Agora contemos outro facto, mais recente ainda, que se deu em Rio de Janeiro.

Antes, porém, de entrarmos na exposição do occorrido, é preciso informar os nossos leitores sobre a pessoa do sr. Eri-co Coelho, o protogonista d'aquelle acontecimento.

Estava o sr. Erico, durante alguns periodos legislativos, o representante do Estado do Rio de Janeiro no Congresso Federal. Entrou lá como candidato do partido nacional e pôde se dizer que era justamente elle que o mais comprometteu não só o partido em cujo nome fallava, mas até o Brasil inteiro. Os orgãos competentes da opinião publica do nesso paiz declararam então, que o sr. Erico não podia ser tomado á serio.

Mas este homem tratava muito seriamente uma causa: a causa do divorcio. Não a tratava só platonicamente, como os outros congressistas, que apenas representavam diversas opiniões á respeito: elle precisava pessoalmente do divorcio.

Casado antes de 1890, separado desde annos de uma senhora boa e nobre, que na má hora ligou o seu futuro a um estroina de muito talento e de nenhum valor moral, o sr. Erico Coelho quiz á toda força casar outra vez ainda. Esta era a principal razão, porque o nosso Congresso e o Senado, repetidas vezes, durante semanas inteiras, discutiam sobre o divorcio, sempre o finalmente rejeitando. E' preciso notar aqui, que o sr. Erico pouco tivesse ganho com uma simples lei de divorcio; a tal lei devia ser retroactiva, declarando dissolueis não sómente os casamentos civis des-

de 1890, mas também os casamentos religiosos feitos antes de 1890.

Depois de todos os esforços, entendeu o sr. Erico Coelho ser impossível pelos recursos legais obter o divórcio desejado. Mas restou-lhe ainda um caminho: soube o pobre desesperado que os emissários norte-americanos eram promptos a declarar o divorciado e juntal-o pelo rito da sua seita á outra mulher, sob a única condição de filhar-se o sr. Erico á seita, que tão immenso serviço lhe prestaria.

O negocio fez-se sem qualquer hesitação. O nobre sr. Erico não possuía nem um restinho sequer de pundonor nos assumptos da religião e da moralidade. Aliás não pode haver grande difficuldade em trocar, até diversas vezes uma religião por outra, para quem não toma a serio nenhuma religião. Quanto á seita, esta fazia uma conquista brilhante. Imaginem só, que alegria poder dizer nos jornaes da propaganda, que os deputados federaes já se tornem methodistas, baptistas, episcopaes, presbyterianos etc. etc. Que satisfação para as sociedades, de cujo dinheiro vivem os emissários, ouvir e lêr, que afinal, apóz de ter gasto tantos dollars, a propaganda norte-americana obteve um grande successo: converteu-se dr. Erico Coelho, celebrissimo congressista brasileiro!

(Continúa)

## Como se civilisa no seculo 20

Sob esta epigraphie traz a *Blumenauer Zeitung* uma descripção detalhada das vinganças e crueldades praticadas contra os índios indígenas que, nos ultimos tempos, atacaram algumas pessoas na região serrana. Desta descripção extrahimos o seguinte trecho, que apresenta a vivo o ataque feito pela expedição vingadora ao acampamento dos botocudos.

« Na alvorada do segundo dia foi investido o acampamento. Depois dos primeiros tiros, que quasi todos eram certos, ouviu-se um barulho infernal de gritos, uivos, gemidos e de choro das crianças. Repetidos tiros augmentaram mais ainda a terrivel confusão no acampamento dos selvagens. Seria, porém, engano pensar que os bugres pegassem nas armas para se defender. Sabiam, parece, que uma defesa era impossível; fugir não procurou nenhum delles. Em saltos violentos, gritando, rodeavam o grupo das mulheres e crianças, procurando com seus corpos defendel-as das balas mortíferas dos brancos vingadores. O cruento espectáculo lembrava o mudo heroísmo dos grandes animaes, quando, para proteger os seus pequenos, expõem o proprio corpo ás balas.

Assim, sem a mínima resistência morreu tudo, e somente quando pareceu o acampamento um grande cemiterio, penetraram dentro os vencedores. Muitos eram só gravemente feridos, começou então o trabalho com a arma branca, mais cruel e mais hediondo, do que o atirar de distancia.

Alguns bugres, que estavam fóra do acampamento durante a carnificina geral,

ouvindo os tiros e gritos, voltaram a toda pressa, sem procurar a fuga, e cahiram baleados, quando procuravam achar os seus no terrivel acervo dos cadáveres anontoados.

Afinal descobriram os vingadores que eram ainda vivas algumas crianças. Um pequenino, a quem um tiro fez totalmente cego, desatou a chorar por não poder achar o corpo da mãe. Este choro custou a vida a todos os outros pequenos.»

Assim aconteceu no quarto anno do seculo 20 da era christã. Os tropheos já se acham nesta cidade de Florianopolis e constam de armas muito bem e com certo gosto trabalhadas. Não ha quasi duvida que ellas constituem a unica lembrança que restará de uma das pequenas tribus, em que actualmente dividem-se os índios do Brazil. Sim, serão uma lembrança de uma tribu extinta e de um tempo no qual, em vez de catechisar, baleava-se os índios.

— « » —

## EM DEFEZA

(Continuação)

Eis em breves palavras o projecto da reforma escolar:

Diversos Estados gastam bastantes quantias com a verba «instrução publica», mas apenas uma pequena parte desta verba é realmente bem applicada. Falando primeiro sobre as escolas primarias, é facto que, devido á politicagem e á rotina superficial administrativa, existe um grande numero de mestres d'escola, cujo preparo scientifico é insufficientissimo. Ha alguns, mais ou menos instruidos, que porém não possuem preparo pedagogico

algum, de modo que somente podem ensinar, mas nunca educar.

Para acabar com este mal, deviam os governos ou exigir de cada professor, para ser oficialmente nomeado e pago, a completa qualificação scientifica e pedagogica (o que entre nos parece irrealizavel), ou então deviam reduzir a verba da instrução, gastando somente com o sustento dos professores rigorosamente qualificados e deixando todo o resto á iniciativa particular, methodo que em diversos paizes, com o melhor successo, realmente foi introduzido e até hoje se conserva.

Quanto ás escolas secundarias e principalmente quanto aos lyceus officiaes, suppondo mesmo que ao pessoal n'elles occupado não falta o preparo scientifico, ha tres cousas de gravissima importancia a observar: 1. Existe e infelizmente é publico e notorio o frequente e até escandaloso relachamento no desempenho de seus deveres da parte de alguns membros do corpo docente; 2. A falta completa de um dos elementos essenciaes da escola, isto é de elemento educativo; 3. As custas extravagantes que accarretam principalmente os lycêus officiaes e que se acham n'uma desproporção crassa com o numero dos respectivos alumnos.

Neste caso, se não é possivel organizar um corpo docente plenamente qualificado, ou se faltam os meios efficazes para obrigar o professorado a um escrupuloso desempenho do seu dever, ou se as despezas são excessivas em comparação com o numero dos alumnos e com o resultado obtido, nada resta senão recorrer também á iniciativa particular.

Eis em resumo e sem as suas largas exposições, o projecto de reforma escolar,

## HASN STADEN

SUAS VIAGENS E CAPTIVEIRO ENTRE OS SELVAGENS DO BRAZIL 1547—1555

(Conclusão)

Tendo eu estado já dez mezes e meio no poder dos selvagens, em constante perigo de ser morto e devorado por elles; aconteceu um dia que alguns me disseram que tinham ouvido tiros o que devia ter sido em Iteron (Nitheroy), cujo porto também elles chamam Rio de Janeiro. Como eu entendi que tinha chegado um navio da Europa pedi aos selvagens que me levassem para lá, porque era decerto o navio do meu irmão. Disseram-me que sim, porém me detiveram ainda por alguns dias.

Emquanto isso, aconteceu que os francezes, que tinham vindo no navio, ouviram fallar que eu estava entre os selvagens, e o capitão mandou duas pessoas da tripulação para me procurar. Ouvindo isto, fiquei alegre e fui ter com ellés, dando-lhes as boas vindas. Vendo-me elles tão desgracado tiveram pena de mim e repartiram suas roupas commigo. Disseram-me que tinham recebido ordem de me levar para o navio e que estavam dis-

postos a usar de todos os meios para isso. Então meu coração se alegrou, reconhecendo a clemencia de Deus. Disse a um dos dois que se chamava Perot e sabia a lingua dos selvagens que elle devia declarar que era meu irmão e tinha trazido para mim uns caixões cheios de mercadorias, e que elles me levassem a bordo para buscar os caixões, e que accrescentasse que eu queria ficar ainda com os selvagens para colher pimenta e outras cousas mais, até que o navio voltasse no anno seguinte. Então me levaram para o navio, indo o meu senhor, o rei Abati Bossanga, também commigo.

No navio todos tiveram pena de mim e me trataram muito bem. Depois de estarmos uns cinco dias a bordo, perguntou-me Abati-Bossanga, onde estavam os caixões para me darem e podermos logo voltar para a terra. Contei isso mesmo ao commandante do navio. Este me ordenou que eu os fosse entretendo até que o navio estivesse com toda a carga, para que os selvagens não fizessem algum mal quando vissem que os francezes me conservaram no navio. Por isso procurei entreter o meu senhor com minha prosa, dizendo que elle bem sabia que, quando bons amigos se reúnem, não podem separar-se tão cedo, mas que quando o na-

que com toda e plena convicção subscrevemos.

Os factos por nós citados e as razões que adduzimos, são, em geral, reconhecidos como certos e evidentes. Resta só fallarmos sobre um ponto, que parece para o nosso critico X, estar como um callo. Não queria, por preço algum, tocar ou pisar n'elle; não quer também cortalo, sem duvida para não ferir a carne viva: anda então com elle, como o gato por brzas. Este pontinho é a *educação*, que constitue uma parte essencial do trabalho escolar.

Não ha um homem sequer dos que trataram este assumpto e cuja opinião era mais ou menos auctoritativa, que duvidasse um momento sequer sobre a necessidade da educação escolar. Sobre a extensão e o methodo desta educação ha opiniões diferentes, sobre a sua necessidade existe uma opinião só: a affirmativa. Concordam também todos, que a escola deve de um lado supprir aquillo, o que muitas vezes falta á educação domestica, de outro lado deve os bons principios da educação domestica collocar sobre uma base larga, mais intelligente e melhor fundada. E' também certo que, ás vezes, deve a escola lutar contra os maus habitos e até os maus principios da casa de familia.

Mas voltaremos em tempo a este assumpto importantissimo. Agora passamos á exposição mais larga do projecto que acabamos de apresentar, começando pela primeira parte, que trata das escolas primarias. N'esta exposição teremos unicamente em vista as condições em que se acha e as necessidades de que se resente a instrução publica d'este Estado de Santa Catharina.

vio tivesse de partir, havíamos de voltar para a sua casa.

Finalmente, quando o navio esteve prompto, reuniram-se todos os francezes do navio, e o capitão disse aos selvagens, que estava contente de me não terem morto, e que queria lhes dar alguns presentes por terem-me tratado tão bem.

Tinhamos então combinado que uns dez homens da tripulação que de algum modo se pareciam eomnigo, se reunissem e declarassem que eram meus irmãos, e não queriam que eu fosse com os selvagens para a terra, mas que voltasse para a nossa patria, porque o nosso pae me queria ver mais uma vez antes de morrer. Então o capitão declarou que queria muito que eu fosse com os selvagens outra vez para terra; mas que elle estava só e meus irmãos eram muitos. E eu também disse ao meu senhor, o rei, que eu queria muito voltar com elle, porém elle podia bem ver que os meus irmãos não me deixavam. Estes protextos todos foram dados, para que não houvesse desaccordo com os selvagens.

Começou então o rei a clamar a bordo que eu voltasse no primeiro navio, que elle me considerava seu filho e que estava muito zangado com a gente de Uwatibi que me queria devorar. Após isso o

Ao passo que diversos outros Estados augmentam a sua verba da instrução, tem o nosso Estado Catharinense notavelmente diminuido a mesma. As economias, em geral, eram indispensaveis por causa de apuros financeiros. Realizou-se uma larga economia justamente n'esta verba, porque as economias applicam-se em regra ás despesas que parecem demasiadas ou inuteis. Somos longe de afirmar que não existia no orçamento estadual outra verba, na qual tivesse sido conveniente fazer também um corte, ou fazer um corte maior do que realmente se fez. E' por merecedora de sinceros elogios a franqueza e boa orientação, com que o governo estadual, chefiado então pelo Exmo. Dr. Lauro Müller, diminuiu a despesa com as escolas primarias, pela simples razão, que não prestavam.

(Continúa)

— «» —

## CONGRESSO ITALIANO DE SÃO PAULO

Nos meados do mez de Maio realizou-se em São Paulo um congresso italiano, cujo fim era tratar dos assumptos da colonisação italiana no Brazil. Bem interessantes nos parecem alguns pontos decretados acerca do ensino escolar. Eis o 1º. O Congresso recommenda que as creanças italianas, chegando a certo gráu de desenvolvimento, recebam também o ensino da lingua portugueza... O congresso confia que haverá neste ponto reciprocidade da parte do governo brasileiro.

Isto quer dizer que, em troca do ensino portuguez nas escolas italianas, o

capitão deu a todos algumas mercadorias, facas, machados, espelhos e pentes. Com isso partiram para as suas casas, em terra.

Assim me livrou o todo poderoso Senhor, o Deus de Abrão, Isaac e Jacob, do poder dos tyrannos. No anno Domini de 1554, no ultimo dia de Outubro, partimos á vela do porto Rio de Janeiro e fomos de volta para a França. O capitão do navio chamava-se Wilhelm de Moner e o piloto Francisco de Schantz. Tivemos sempre bom vento, e Deus nos mandou grande fartura de peixes, porque não tivemos que comer senão o que Deus nos forneceu do mar. No dia 20 de Fevereiro do anno de 1555 chegámos em França, a cidade de Honfleur na Normandia. O capitão arranhou-me um passeporte do Governador de Normandia e deu-me dinheiro para a viagem. Agradei a elle e a todos os beneficios recebidos e despedi-me. Parti em um navio a Londres e de lá para a minha terra.

Assim Deus todopoderoso, para o qual tudo é possível, ajudou-me a voltar para a patria. Louvado seja Elle eternamente. Amen.

nosso governo devia introduzir em diversas escolas brasileiras o ensino obrigatorio da lingua italiana. Que o ensino portuguez é de per si e por diversos titulos indispensavel no Brazil, isto não reconhecem aquelles senhores, aliás não tivessem inventado clausulas e condições para a sua introdução. A idea de reciprocidade que os congressistas italianos levantam, presuppõe a convicção de que introduzindo o portuguez, mesmo com clausula, nas escolas italianas, fez-se uma condescendencia para com o Brazil que, do seu lado, deve-se sentir obrigado a retribuir com um equivalente, isto é, introduzir a lingua italiana nas escolas brasileiras.

Os pontos 2 e 3 tratam da organização do ensino. O 4º ponto, muito decisivo e breve, resa assim: «o ensino deve ser absolutamente tirado aos padres». A imprensa paulista, apreciando os trabalhos do congresso, pouco falla sobre os decretos escolares. Parece que as graves inconveniencias do 1º ponto foram bem encobertas pelo gostoso 4º ponto, feito á *imagem e semelhança* dos decretos de sr. Combes na França. Para explicar o facto de tal determinação, basta dizer, que desde o principio não se deixou no congresso entrar a ninguem, que não tivesse o rotulo de tres pontinhos. Realmente estavam lá alguns jornalistas e os representantes de certas sociedades.

Os gloriosos congressistas esqueceram no seu fanatismo anticlerical, que no Estado de São Paulo foram recentemente fundados uns bellos e grandiosos estabelecimentos não só do ensino, como também de amparo e de plena educação, sendo os fundadores justamente padres italianos. Assim o Collegio dos P. P. Jesuitas em Itú com seus quinhentos alumnos e o Collegio do Sagrado Coração dos P. P. Salesianos, diversas vezes summamente elogiados no Congresso e Senado estadual de São Paulo. Assim o grande orphanotrophio Colombo, abrigando e educando perto de oitocentos orphãos, em grande parte italianos, fundado pelo Pº. Marchetti de beata memoria, actualmente administrado pelo Pº. Fausto Consoni. Em geral, quasi todas as escolas das colonias agricolas italianas e muitas escolas das cidades foram fundadas, ou iniciadas, ou dirigidas, ou auxiliadas pelos Padres.

E apezar d'isto declara o celebre congresso: «o ensino deve ser absolutamente tirado aos padres».

Felizmente eram n'aquella reunião representados sómente os tres pontos, bastante conhecidos pelo orgulho impertinente, com que se arrogam o exclusivo direito de julgar nos assumptos escolares. Se o R. P. Fausto Consoni, conformando-se com este decreto, teria levado seus oitocentos orphãos para os entregar aos cuidados dos senhores congressistas, estes teriam fugido á debandada. São uns heroes da phrase; o heroismo do trabalho e de sacrificios deixam a outros: para si reservam sómente o direito de julgar e decretar. Tartufos!

**OFFERTA VALIOSA**

A exma. sra. d. Axiris Horn Ferro, distincta esposa do illustre sr. tenente Eurípides Ferro, em retribuição ás saudações que, por seu venturoso consorcio, lhe dirigiram as orphans do Asylo S. Vicente de Paulo, acaba de enviar ao nosso amigo sr. Jacintho Simas, digno presidente da Conferencia de S. José, mantenedora do alludido Asylo, uma gentilissima carta, á qual acompanhava a quantia de cem mil reis.

Tão avultado obulo, revelando, mais uma vez, os generosos sentimentos da exma. sra. d. Axiris e do seu digno esposo, significa bem, quantas sympathias vae conquistando a instituição na qual já se abrigam 14 innocentes orphansinhas, que bẽmdirão sempre tão generosos protectores, cujos nomes lhes ficarão eternamente gravados no coração.

Da nossa parte asseguramos que Deus recompensará a exma. sra. d. Axiris e o sr. tenente Ferro.

— « » —  
**« A FÉ »**

Este nosso collega traz no seu numero 41 a seguinte nota: « *A Penna* orgam da Sociedade Recreio dos Artistas do Rio de Janeiro, accusando o recebimento deste jornal, diz: « *A Fé* Florianopolis.—Orgam da associação Irmão Joaquim, cujo fim é dar amparo aos necessitados e purificar as almas aos peccadores.»

*A Fé* achou conveniente dar a seguinte resposta: « *Nós não purificamos almas.* O collega enganou-se: quem está no caso de fazer isso, são os CATHOLICOS PRATICOS, por exemplo, o sr. conselheiro Galvão que foi tão fertil em promover a derrubada da Conferencia de S. Miguel.

E' o caso de perguntarmos ao sr. Galvão—por que não corre a protestar contra o bom conceito que, de nós, faz o collega fluminense?»

A' ultima pergunta respondemos já: este sr. Galvão, atrazado como é, não assigna e não lê nem *A Penna* vem *A Fé*. Se a tivesse lido, levantasse um protesto solemne em todos os jornaes da Capital Federal.

De facto, o nosso illustre collega tem toda a razão zangar-se com aquelle conselheiro. Porque? E' porque *A Penna* escreveu uma estulticia sobre *A Fé*.

Assim vae tudo na ordem logica: *A Penna* dá uma bicada n'*A Fé* e *A Fé* dá um couce no conselheiro Galvão. Não acham isto muito engraçado e muito justo? Um homem a quem faltasse o bonaire do nosso collega, respondia, pode ser, assim: o insipido gracejo com que *A Penna* pretende ironizar a nossa Associação, é somente uma prova cabal do pouco gosto que, apesar de serem artistas, possuem os seus redactores.

*A Fé* porem achou mais nobre excusar-se perante *A Penna*, que abertamente d'ella zombou, e dizer cobras e lagartos do sr. Galvão que, pode ser, não sabe que exista no mundo *A Fé*, orgam da Associação etc.

Podemos em segredo comunicar ao

nosso collega, qual a intima razão do desacato que *A Penna* lhe infligiu. Não era uma intriga do conselheiro Galvão, mas sim o nome do Irmão Joaquim. Aquelles pintores e actores do Rio de Janeiro imaginam que uma associação, cujo nome de guerra é *Irmão Joaquim*, não podia ser do que só catholica. Mas, afinal de contas, enganaram-se redondamente: *nós não purificamos almas*, protesta solememente o nosso collega.

Pondo porém de lado a questão da purificação das almas, parece que mesmo aquelles que não são catholicos praticos, mas só theoreticos, não podem manchar as reputações alheias e nem buscar cinco pés ao gato, para investir a um homem a quem votam um odio absurdo. O conselheiro Galvão fez com respeito á ex-conferencia de S. Miguel somente o que exigio o estatuto das conferencias e a que o obrigavam as informações recebidas. Se querem accusal-o de má vontade, provem primeiro, e se não podem provar, deixem de doestos.

Se tanto lhes desagrada a determinação, em virtude da qual não podem ser membros activos d'uma conferencia catholicos somente theoreticos, lembrem-se que isto não se origina do sr. Galvão, nem da Conferencia de S. José, nem do R. P. Topp, mas de Frederico Ozanam e de seus consocios que fundaram a obra das conferencias. Se *A Fé* pretende reformar á respeito o estatuto das conferencias Vicentinas, que se dirija com sua proposta ao Conselho geral em Paris, onde, pode ser, obterá um successo inesperado.

O que aqui escrevemos tem por unico fim defender a honra d'um homem respeitavel, já por diversas vezes, odiosamente e sem qualquer razão atacado pelos collegas de *A Fé*.

Respeitamos e sympathizamos muito com a bella, nobre e utilissima Associação Irmão Joaquim, mas justamente por isto sinceramente desejamos, que o seu fim principal, a beneficencia, não fique prejudicada com ataques intempestivos e irritantes, levantados no orgam da Associação contra outras instituições caritativas.

— « » —  
**ACTOS RELIGIOSOS**

Domingo—Missas ás 6 horas no hospital, ás 6 1/2 e 8 na Matriz, ás 8 1/2 em S. Francisco, no Menino Deus e no collegio Coração de Jesus, ás 9 nas capellas do Parto e S. Sebastião e ás 10 1/2 Missa solemne, em honra de S. Antonio, na Matriz.

A's 6 ho as da tarde novena do Sagrado Coração de Jesus na Matriz e ás 6 1/2 em S. Francisco.

Quarta e quinta-feira—Novenas de S. João Baptista ás 6 1/2 horas na capella de S. Sebastião.

Sexta-feira—Dia santo de S. João Baptista. Missas com no domingo. A's 10 horas Missa de S. João Baptista na capella de S. Sebastião.

A's 6 horas da tarde novena na mes-

ma capella, e na Matriz, novena do Sagrado Coração de Jesus.

Sabbado.—Missa de N. S. das Dóres ás 8 horas na Matriz.

— « » —

**MERCADO MUNICIPAL**

Media dos preços, por quanto foram vendidos os seguintes generos durante a semana de 23 a 28.

Assucar (15 kilos)	3\$500
Alhos (cento)	—
Aguardente (medida)	\$750
Arroz pilado	4\$000
Banha (kilo)	\$660
Batata ingleza (80 litros)	9\$000
Cebolas (restea)	—
Café (15 kilos)	9\$000
Carne verde (kilo)	\$400 \$500
Costellas (uma)	1\$000
Farinha (Barreiros 80 litros)	9\$ 10\$000
« (outros logares 80 litros)	7\$000
Feijão (80 litros)	8\$000
Fumo em corda (15 kilos)	18\$ 20\$000
Farinha de milho (80 litros)	6\$000
Linguica (kilo)	\$800
Milho (80 litros)	5\$ 6\$000
Manteiga (kilo)	3\$500
Ovos (duzia)	\$440
Gallinhas (uma)	\$900
Frangos (um)	\$700
Polvilho (50 kilos)	8\$000
Queijos (15 kilos)	—
Toucinho (15 kilos)	6\$000
Lenha (cento)	\$560
Vélas (duzia)	\$540

— « » —

**AO PUBLICO**

Achando-se recolhidas 14 meninas ao Asylo de Orphãos S. Vicente de Paulo, inaugurado, devido á vossa jamais desmentida philantropia, em 1 de Janeiro do corrente anno, vem a commissão directora, de novo, implorar a vossa caridade e pedir pelo amor de Deus e de vossas familias uma esmola que ajude a manter aquelle tão util orphanato.

PELA COMMISSÃO

Jacintho C. da Silva Simas

— « » —

SOCIEDADE DE S. VICENTE DE PAULO  
 CONFERENCIA DE S. JOSE'

Sessão—Quinta-feira ás 6 1/2 horas da tarde.

IMP. NA TYP. DA LIVRARIA MODERNA

Praça 15 de Novembro n. 27

FLORIANOPOLIS